APOTHEOSE DE HERCULES,

ELOGIO DRAMATICO

REPRESENTADO

NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

NO DIA 26 DE OUTUBRO DE 1830,

NATALICIO

DO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO REI E SENHOR NOSSO

DOM MIGUEL I.

COMPOSTO

POR JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. 1830.

Com Licença.

que de vós fiz par
de, e tão importa
dita fundação:
gundo o estad
plemento da
necessa

PERSONAGENS ALLEGORICAS.

JUPITER.
JUNÓ.
MARTE.
MINERVA.
HERCULES.
MERCURIO.

SCENA.

Representará o Salão do Olympo; no meio, e em lugar mais elevado, Jupiter; de hum lado, e outro os Deoses como em Conselho, não só estes que fallão, mas outros como Mercurio, etc. para tornarem mais magestoso o apparato. Hercules entrará neste Consistorio dos Deoses, quando se decretar a sua divinisação; então será apresentado por Marte, e por Minerva.

APOTHEOSE DE HERCULES,

ELOGIO DRAMATICO.

SCENA I.

Apparecerá o Salão, onde os Deoses estarão sentados; e sem muita demora, para evitar scenas mudas, se apresentará Jupiter, a cuja vista se erguerão os Deoses, e elle com magestade se aproximará ao seu assento, e com huma pequena pausa se levantará, e dando alguns passos adiante, com imperio, e voz segura, dirá:

JUPITER.

Vós, Deoses immortaes, a quem do Mundo,
Por meus Decretos immudaveis, tenho
Concedido até agora o regimento;
Os Astros regulais no eterno móto,
Fixo retendo o Sol no ethereo assento;
E, dirigindo as lucidas Esferas,
Sustentais esta maquina pasmosa,
Que he obra só da minha Omnipotencia.
Ao meu aceno os montes se levantão;
Ao meu aceno os montes se desfazem.
As furias do Oceano embrido, e prendo;
Na carreira veloz o ardente raio,
Se me apraz, eu suspendo, e se o desfêcho,
Leva comsigo estrago, e leva a morte;
Minha vontade he Lei, todos os Sêres

No Mundo material se acurvão promptos
A' minha eterna voz, se a voz me escutão.
Mas não se acurvão os mortaes soberbos,
Mais, e mais com seus crimes desafião
Meu accezo furor, minha vingança.
Vejo de monstros povoada a Terra:
Impios Gigantes, ajuntando a montes
Com profano furor montes mais altos,
Subir quizerão ao sereno Olympo,
O meu Throno abater, precipitar-me. =
(Insana audacia!) no profundo abysmo,
Das minhas mãos sahindo o raio accezo,
Debaixo das montanhas que elevárão
Eu os fiz sepultar; pelas gargantas
Desse abrazado Etna os seus fogos
O sotoposto Encélado vomita:
Tyfeo no Inferno jaz; sobre os rochedos
Do alcantilado Cáucaso as entranhas
Do impio Prometheo voraz Abutre
(Reproduzidas) despedaça sempre.
Python, Dragão medonho, e pestilente,
Que infestou com seus hálitos a Terra,
Fiz que de Apollo a setta penetrante
Se embebesse em seu sangue, e seu veneno.
Quasi cançou meu braço! mas a Terra
Inda rodando vai de monstros cheia:
Parece herança dos mortaes o Crime!
Tornarei a chamar de Pyrrha o tempo,
Direi ás aguas do Oceano immenso,
Que, transgredindo as naturaes barreiras,
Alaguem, outra vez, rebelde o Globo!
Dos homens darei fim....

MINERVA.

Oh! Pai dos Numes,
E dos humanos Arbitro absoluto,
Os raios apagai, deponde as furias.
Se quantas vezes os mortaes peccarem,
De vosso Throno no estellante Olympo
Lançardes sobre a Terra os vossos raios,
Ver-se-ha no Mundo Jupiter inerme.
Dai a hum Homem poder, que purgue a Terra
De delictos, de monstros, de attentados:
O Mundo tenha paz, Virtude, asylo,
Firmeza os Thronos, a Justiça hum Templo;
Tenha freio a ambição, vingança hum termo:
Obedeça-se ás Leis; que as Leis são tudo:
Das Leis o Mundo fysico não foge;
Pois não fuja o moral: doce harmonia
Obedecer, e commandar conservem.
Póde descer dos Ceos prosperidade,
Se hum Homem escolheis....

JUPITER.

Quem dos humanos
Poderá conseguir quanto te escuto?

MARTE.

Eu respondo, Senhor: Força, e Conselho.
Meu braço força tem, Minerva o resto.
Se estas virtudes n'hum Mortal se encontrão,
Se guia os passos seus conselho, e força,
Torna ao Mundo outra vez a Idade d'ouro.
Quem mais forte do que Hercules existe?
Vosso filho he tambem, co'os homens vive:
Tão grande he seu esforço, e tal sen braço,
Que as columnas ergueo nos fins da Terra,
D'onde humano valor passar não pôde:

Em seus trabalhos vencedor, já póde
Ardua estrada pizar que aos Astros leva;
Dai-lhe o poder, Senhor, que a Terra he livre
Desses monstros fataes, que a Terra opprimem.

JUNO.

Querem mais gloria dar de Alcmena ao filho?
Eu, Rainha no Ceo, de Jove a Esposa,
Nunca o odio depuz com que o persigo;
Seu orgulho abati quando prostrado
Aos pés de Ióle suspirou de amores.
Não se encontra hum Heróe onde ha ternura,
Que desta sorte avilte humano esforço:
Quem suffocou Leões, quem dóma as furias
Do bravo Javalí, que assusta as selvas
Do empinado Erymantho, ah! não devia
Ao lado suspirar de huma belleza!
Do Celeste Heroismo he mór façanha
O saber-se vencer. O acaso póde
Dar a Palma, e Laurel a Heróe guerreiro;
Mas vencer-se a si mesmo he só virtude.
Só co'a virtude o vicio se supplanta...

JUPITER.

Ah! Juno, observa, e vê, que o Sol tem manchas!
Amor prende os Heróes, té prende os Numes;
Apoz seu carro vão beijando os ferros:
Abrange a Terra, e Ceos de Amor o Imperio,
Chega, do Olympo, ás furnas pavorosas,
De Pluto Alvergue, funebre Cocíto,
A quem foi dado o Subterraneo Imperio;
Arrastrado de amor rompeo das sombras
Roubar ao dia amada Proserpína:
Sem deixar de ser Nume, amor o fere.
Isto, que hum Nume fez, desculpa hum homem.

JUNO.

He eterno o rancor n'hum peito eterno.
Desse filho de Alcmena a veste impura,
Ensopada será no immundo sangue
Do biforme Centauro: eu guardo, eu guardo
Altamente gravada a injuria antiga....

MERCURIO.

Tu, dos homens Senhor, Tu, Pai dos Numes,
Que carregando a sobrancelha fazes,
Que o vasto Mundo nos seus eixos trema,
Os teus Decretos immudaveis cumpre,
De monstros livre a Terra o forte Alcides,
Como até agora o fez: sobre seus hombros
Té descançava a maquina do Mundo
Quando afracava o desmedido Atlante.
Formidavel Antêo, Gigante enorme,
Filho da Terra, que da Terra tinha
As forças, e o vigor, se nella o corpo,
Já fatigado de lutar, tocava,
Em seus membrudos braços o levanta,
E nos extensos ares o suffoca,
Deixando á Terra o pallido Cadaver;
E deste monstro libertando a Terra.
De Lerna na Lagôa a grão Serpente,
Cuja enorme multíplice cabeça,
De muitas bocas exhalando a morte,
Da Grecia toda os Povos infestava,
Quem vedar poderia estragos tantos?
Só d'Hercules a mão robusta, e válida,
De ferro, e fogo armada, ao monstro infausto
Deceparia as venenosas frentes.
O Mundo respirou, e a horrenda Morte
As sombras foi buscar do obscuro Averno.

Pelos bosques Nemeos rugindo insano
Indómito Leão, dos homens era
O continuo pavor, continuo estrago:
Só de Alcides no braço, e só na Clava,
Pôde o Mundo encontrar seguro asylo.
A brava Fera arrosta o bravo Alcides,
Logo prostrada jaz; da hirsuta pelle
Fez a seus hombros glorioso manto,
Que a Purpura dos Reis mais nobre ainda.
Nas faldas do Erymantho assusta os Povos
O feroz Javalí, e os navalhados
Dentes abatem corpulentos troncos,
Derramão sangue, multiplicão mortes....
Mas basta já, que heróicos trabalhos
Por Hercules vencidos o levantão
Aos claros Astros, ao Sidéreo assento.
Este, ó Jove immortal, só este póde
Afugentar da Terra, maculada
Por tantos crimes, os ferozes monstros,
Que os vossos raios provocárão sempre.

JUPITER.

Tem Hercules já dado o passo extremo,
Com que póde alcançar de hum Nume o Throno,
Ser contado entre os Deoses Soberanos,
Morar com elles no estellante Olympo;
Quem defende os mortaes por certo he Nume.
Filho de Maia, Mensageiro alado,
Conduze ante o meu Solio o forte Alcides:
Hoje aos Astros virá viver com Jove.

Sem mudança de Scena, sahindo Mercurio, e demorando-se o tempo que baste para os Deoses tomarem assento, voltará trazendo comsigo a Hercules, o apresentará ante a Cadeira de Jupiter, trajando como se costuma pintar, com a insignia da Clava, e pelle do Leão pendente dos hombros com dignidade.

JUPITER.

De meu Solio immortal he base eterna
Justiça imparcial; sem ella o Throno
Não póde estar seguro; igual balança
Equilibrado tem castigo, e premio.
Tem corôa a virtude, o crime a pena;
Quem ao bem dos mortaes consagra a vida
Não parece mortal, por certo he Nume.
Alcides, filho meu, representaste
Na Terra a imagem minha, soccorreste
Por toda a parte os miseros humanos;
Pizaste aos pés a ferrea Tyrannia,
Tu quebraste os grilhões a escravos tristes,
Açaimaste o furor das bravas Feras,
Tirando á Terra monstros, e delictos.
De teus trabalhos a Corôa he esta:
Tu serás immortal, tu da Ambrosía,
Manjar dos Numes, gozarás contente.
E, morador do Olympo, hum nome eterno,
Cheio de gloria, deixarás á Terra.

HERCULES.

Virtude aos passos meus foi sempre a guia,
Por defender o Ceo fiz guerra aos crimes;

Toda a Terra purguei de immundos monstros;
E, se isto hum premio tem, Virtude he premio.
Vós, Pai dos Numes, decretais o Olympo,
Comvosco subirei tornado em Nume.
Mas quem na Terra deixareis, que possa
Meus exemplos seguir, valer aos homens,
De meus trabalhos sustentando o pezo?
Outro Alcides não ha....

JUPITER.

Existe, ó filho,
Existe novo Alcides, que nos hombros
Póde suster a maquina do Mundo.
Se elle apparece desarmado, o rosto
He o rosto de Amór; se empunha a espada,
Se em ferreo murrião seu gesto esconde,
Então he Marte, e mais feroz que Marte;
Se co'as artes da paz governa os homens,
E se lhes dicta as Leis, por certo he Numa.
Quero que exista hum Hercules nos Astros;
Mas outro, e seu igual, governe a Terra,
Té que aos Astros tambem com gloria suba.

JUNO, MARTE, MINERVA, E MERCURIO.
(Todos a hum tempo)

Oh! Soberano Arbitro dos Mundos,
Quem he este Mortal, que só de Alcides
Póde as funcções tomar?.....

JUPITER. *(Com muita magestade)*

Miguel Primeiro.
Em mim, Numes, vereis a Imagem sua....

MINERVA.

Oh digna escolha do Supremo Jove!
Digno retrato do valente Alcides!
Quantos trabalhos, e fadigas quantas

Pôde este supportar por ter no Olympo
Alto assento co'os Deoses Soberanos!
Inda maior trabalho, e mór fadiga
O novo Alcides supportou na Terra,
O novo Alcides supportou nos Mares!
Em a Terra traições, no Mar tormentas!

MARTE.

Vence Alcides os monstros que infestavão
O domicilio dos mortaes, a Terra:
Leões sanhudos nos seus braços morrem;
Immundos Javalís, co'a dextra armada,
Dão a seus pés os ultimos arrancos:
Da Lusitania o Hercules mais forte
Outras Feras mais feras despedaça.
Teve hum só Eurystheo valente Alcides,
Que a descoberto o perseguisse; quantos
Ou teve, ou tem de Portugal o Nume!
Espalhados na Terra, onde vagueião,
Confinados no Mar, onde esperança
Não tem de salvação, inda conjurão;
Ora na luz do dia a espada empunhão,
Ora nas sombras da profunda noite,
Quaes vão nas trevas agoureiras Aves,
Se apinhoão em bandos, e no sangue
De ataçalhadas victimas se cevão,
E maquinão do Solio alta ruina:
Aos Numes immortaes declarão guerra.
O pavez de Diamente o novo Alcides
Sustem no esquerdo braço, e tem na dextra
A fulminante vencedora Espada;
Mais que a cabeça da feroz Meduza,
Os revoltosos monstros petrifica,
Que odio aos Ceos declarando, aos homens guerra,

Convulsas trazem as Nações do Globo.
Só pelejava Alcides, só peleja
Do Throno Luso o Hercules valente;
Contra elle vomita o Inferno as Furias;
Alcides açaimava o Cão Trifauce;
Em cadeias o trouxe á luz do dia:
Mais terriveis latidos emmudecem,
Se a voz se escuta deste novo Alcides.
Oh! quanto he digno, Jupiter Supremo,
D'elle occupar tambem do Olympo a Séde!

JUPITER.

Já tem no Olympo preparado hum Throno,
Onde viva immortal depois que aos Lusos,
Por mui largos periodos de tempos,
Dictar as Leis da paz, e as Leis da guerra,
Com que veja a seus pés soberbos monstros
Pedir humildes lhes outorgue a vida.
Mas em tudo Magnanimo, e Sublime,
Se não nascesse Rei, ser Rei devêra,
Pois no complexo das virtudes suas,
Entre todas maior, julga a Clemencia;
Os ultrajes só vinga ao Throno feitos,
Dos seus proprios s'esquece, ou lhes perdoa:
Assim Tito reinou sendo as delicias
Desse Povo de Heroes, Romano Povo:
Este o será do Povo Lusitano;
Pois tão grande Nação tal Rei merece.
Deste Monarca, ó Deoses Soberanos, *(voltando-*
O Natal festejai..... *se a todos)*

JUNO.

Se a Magestade
He tão propria d'hum Rei, se no seu rosto
Tão dignamente se descobre, e sente,

Que, qual fulgente Sol, resplende, e brilha;
Inda que os olhos se não fitem nelle,
Não soffrendo o clarão da luz immensa,
Anima a todos, vivifica tudo,
A todos dando movimento, e vida.
Eu só lhe inspiro, e deposito nelle,
Este dom singular, que a Natureza
Communica ao mortal, que os altos Numes
Ao Throno Excelso, e Diadema chamão.
N'alguns he sorte, he Natureza nelle.
Desta luz aos reverberos, os monstros
Tremeráõ de pavor; e os Portuguezes,
Que são fieis ao Rei, e o Throno escorão,
Verão n'hum rosto só, raro prodigio!
A amor unida a Magestade Augusta.

MINERVA.

Eu só lhe inspiro, e dou Sabedoria;
Esta he sómente o facho luminoso,
Que aos Conselhos dos Reis preside, e brilha
Entre o negrume da ignorancia humana.
Nos intricados, cegos labyrinthos
Da embuçada Politica dos Thronos
O fio sabe achar, que ao fim conduza
Do maior bem da humana Sociedade.
Desta luz nasce a solida prudencia;
Não falta Dote algum, se esta virtude
Dentro do peito dos mortaes existe.
No Grão Monarca se antecipa aos annos;
Nem veneraveis cãs na frente alvejão,
Nem ao pezo da idade inda se acurva;
Mas Ulysses excede; porque Ulysses
Tantos Povos não vio, Nações tão varias;
Jámais passou do Gaditano Estreito:

Este transpoz do túmido Oceano
As furiosas ondas; no desterro
Tão grande appareceo, qual he no Throno.
Aos olhos dos humanos se amostrava,
Sem se poder saber, vendo o seu rosto,
Em que fortuna o Principe existia,
Igual sempre na prospera, e contraria!
D'esses, que as sortes dos mortaes dirigem
A seu sabor no escuro Gabinete,
Mais que hum Lynce nos olhos penetrantes,
As intenções reconditas descobre.
Da Sapiencia eu Nume, eu nada tenho
Que lhe possa offertar; dou-me a mim mesma;
Morará na sua alma a Sapiencia,
Que eu só nas artes de reinar conheço.

MARTE.

No meu braço o valor, na lança a morte,
Ouvindo o som da bellica Trombeta,
Ao seu lado estarei; com tanto esforço
Os inimigos esquadrões rompendo,
Que o Mundo absorto, attonito não saiba,
Se he Marte o Deos, se o Rei da Lusitania.
De seus grandes Avós pizando a estrada,
Se acommettendo as Mauritanas Hostes
Nas campinas d'Ourique erguer seu braço,
Esporeando o férvido Ginete,
O Mundo o chamará Primeiro Affonso.
Se, por subir ao disputado Throno,
De Aljubarrota em campo dilatado,
Onde inda alvejão descarnados ossos,
Onde o ferro do arado encontra os élmos,
O Leão atacar da Hesperia antiga,
A seus pés cahirá golfando o sangue;

Seus inimigos, pávidos fugindo,
Dirão, que de seu Tumulo surgíra
O Primeiro João: todos se enganão:
He muito mais que os dois, Miguel Primeiro.
Não erão Mouros, Hespanhoes não erão
Os que elle de hum só golpe arraza, e prostra;
Erão das trévas producção. Co'a Espada
Salva o Pai, salva a Patria, e salva o Povo,
E a Honra Nacional, que he mais que tudo;
Pois se tudo se perde, excepto a Honra,
Não ha victoria, que se iguale a esta.
Eu tanta força lhe darei, tal nome,
Que o nome se equivoque, ou seja o mesmo;
Nos Ceos Marte serei, Miguel na Terra.

HERCULES.

Os meus trabalhos, as victorias minhas
A' morada immortal me levantárão.
Eu não tenho que dar, mais que hum exemplo,
Não ao Rei Portuguez, mas aos Vassallos;
O Lusitano Heróe me excede em tudo;
Maiores monstros debellou n'hum dia,
Maiores monstros vencerá n'hum tempo;
E quem excede, não imita, vence.
Eu defendi de Jove a Monarquia.
Lusos, o exemplo he este: o vosso esforço
Diamantino pavez do Throno seja;
Gyre a Serpente, ou Hydra em torno ao Solio,
Eia, cortai-lhe as lívidas cabeças;
Tendes na mão de Lealdade a Espada,
Tendes Rei, tendes Patria, em fim sois Lusos:
Por esta estrada se caminha aos Astros.
Comvosco fica Alcides Lusitano.

JUPITER.

(Na frente dos outros Deoses)

Mil vezes volverei do Tempo a roda;
Virão felizes, e ditosos annos;
Muitos, muitos serão, que o Fado os marca,
Quantos o Grande, o Lusitano Alcides
Tem de viver, e de empunhar o Sceptro.
Virá serena paz ao Luso Imperio,
A abundancia tambem co'as Artes todas
Com que a Lusa Nação foi grande outr'ora.
A Europa, Asia opulenta, Africa ardente
(A America tambem, porque a meus olhos
Nada se esconde em sombra do futuro)
Luso Imperio outra vez, qual fôra, inteiro,
No Throno acclamaráõ Miguel Primeiro.

FIM.

90-B 37187

9 TITLES

1000